



DOI: 10.14295/cad.cult.cienc.v19i2.3134

## PLANTAS TÓXICAS PARA RUMINANTES E EQUÍDEOS, MOREILÂNDIA - PE

Antonia Wanderlanha Lopes Alencar<sup>1</sup>, Rosa Carolline de Alencar<sup>2</sup>,  
Antonio Carlito Bezerra dos Santos<sup>3</sup>

**Resumo:** O objetivo com este trabalho foi avaliar o conhecimento dos pecuaristas do Sítio de Cima no Município de Moreilândia-PE sobre as plantas tóxicas existentes em suas propriedades para ruminantes e equídeos. Foram entrevistados 12 pecuaristas com auxílio de formulários. No que diz respeito ao conhecimento da toxicidade das plantas apresentadas, verificou-se que *Amorimia rigida*, *Ricinus communis*, *Manihot glaziovii*, *E. contortisiliquum*, *Anadenanthera. colubrina* var. *cebil* e *Manihot esculenta* foram as espécies mais referidas como tóxica pelos pecuaristas. As menos citadas foram *Prosopis juliflora*, *Ipomoea asarifolia*, *Indigofera suffruticosa* e *Cnidoscolus quercifolius*. Enquanto *Aspidosperma pyrifolium*, *Crotalaria retusa*, *Mimosa tenuiflora* e *Solanum paniculatum* não foram reconhecidas como tóxicas pelos informantes. Apesar do reconhecimento da toxicidade das espécies, muitos produtores não sabem as condições em que ocorre a intoxicação, nem os sinais clínicos. Dessa forma, é importante um maior conhecimento sobre tais espécies além da adoção de medidas de controle e prevenção de intoxicação em sua propriedade.

**Palavras-chave:** Etnobotânica. Plantas tóxicas. Ruminantes. Equídeos.

## TOXIC PLANTS FOR RUMINANTS AND EQUIDES, MOREILÂNDIA - PE

**Abstract:** The objective of this work was to evaluate the knowledge of the ranchers of Sítio de Cima located in Moreilândia-PE about the toxic plants existing in their properties for ruminants and equidae. Twelve producers were interviewed with the help of forms. Twelve ranchers were interviewed with the help of forms. Regarding the knowledge of the toxicity of the plants presented, it was found that *Amorimia rigida*, *Ricinus communis*, *Manihot glaziovii*, *Enterolobium contortisiliquum*, *Anadenanthera. colubrin* var. *cebil* and *Manihot esculenta* were the species most referred to as toxic by ranchers. The least mentioned were *Prosopis juliflora*, *Ipomoea*

<sup>1</sup>Funcionária de Secretaria de Saúde de Ouricuri-PE

<sup>2</sup>Docente Unidade Descentralizada de Missão Velha URCA

<sup>3</sup>Docente Secretaria de Educação, Crato-CE

Autor correspondente: carlito.santos@urca.br

Recebido: 23/02/2020 Aceito 20/12/2020

*asarifolia*, *Indigofera suffruticosa* and *Cnidocolus quercifolius*. While *Aspidosperma pyriformium*, *Crotalaria retusa*, *Mimosa tenuiflora* and *Solanum paniculatum* were not recognized as toxic by the informants. Despite the recognition of species toxicity, many producers do not know the conditions under which intoxication occurs, nor the clinical signs. Thus, it is important to have greater knowledge about these species in addition to adopting measures to control and prevent poisoning on your property.

**Keywords:** Ethnobotany. Toxic plants. Ruminants. Equides.

## Introdução

Plantas tóxicas de interesse pecuário podem ser conceituada como sendo todo vegetal, em estado natural, que apresente potencial de originar quadros clínico- patológicos em animais de produção (TOKARNIA et al., 2000).

Na pecuária brasileira, plantas tóxicas geram prejuízos econômicos significativos. As pesquisas realizadas demonstraram que no país ocorre aproximadamente um milhão de mortes de bovinos por ano, provenientes de intoxicações por plantas (RIET-CORREA; MEDEIROS, 2001).

As perdas econômicas são subdivididas em perdas diretas e indiretas. Entende-se por perda direta a morte, queda da produtividade e reprodução animal (aborto, infertilidade e malformações). A perda indireta é resultado de investimentos financeiros adicionais, como: gastos com diagnóstico, tratamento, compra de animais para compensar os animais mortos, custo do controle das espécies tóxicas da pastagem e medidas de manejo (construção de cercas e pastoreio alternativo) (RIET-CORREA; MEDEIROS, 2001).

No Brasil, há um grande número de registros de plantas tóxicas para animais de produção. Na região Nordeste, já são conhecidas pelo menos 38 espécies (RIET-CORREA et al., 2011). Desse modo, os Programas do Instituto Nacional de Ciência e Tecnologia (INCT) apoiam pesquisas de caracterização, determinação das perdas econômicas geradas pelas intoxicações por plantas, bem como, seu controle e profilaxia (RIET-CORREA et al., 2011). Porém, os registros sobre a frequência de intoxicações por plantas continuam insuficientes, o que dificulta a avaliação dos impactos econômicos decorrentes de tais complicações (RIET-CORREA; MEDEIROS, 2001; PESSOA et al., 2013).

De acordo com Carvalho e Arruda (2011), o diagnóstico correto de intoxicações por plantas e a prevenção são os meios mais indicados para evitar novas perdas. Para o controle e

prevenção de intoxicações é fundamental que se estabeleçam diagnósticos precisos. Tokarnia et al. (2000) afirmaram que a base para se chegar ao diagnóstico é o reconhecimento das plantas tóxicas na região, bem como, os sinais clínicos, patologias e os dados epidemiológicos, dentre eles, as condições em que ocorre a ingestão.

Para complementar o diagnóstico deve-se constatar a existência da espécie suspeita em áreas que o animal tem acesso e sinais de cosumo (marcas de pegadas ao redor da planta, folhas comidas e plantas pisoteadas). É importante solicitar ao especialista exame necroscópico dos animais mortos (CARVALHO; ARRUDA, 2011).

Além da questão econômica, deve-se ressaltar que a saúde pública também pode ser afetada. O homem pode se intoxicar indiretamente ao ingerir leite, carne, ovos e outros produtos provindos de animais intoxicados (RIET-CORREA; MEDEIROS, 2001).

Existem vários fatores que influênciam diretamente as intoxicações de animais por plantas, dentre eles, a palatabilidade, facilitação social, fome, sede, transporte, desconhecimento, dose tóxica, variação de toxicidade, período de ingestão e resistência. Plantas tóxicas podem ser palatáveis ou não. As espécies palatáveis são ingeridas normalmente; as pouco palatáveis apenas em condições especiais (Fome, sede, facilitação social), sendo a fome a principal condição (TORKARNIA et al., 2000; PESSOA et al., 2013).

As regiões Centro-Oeste, Nordeste e Norte apresentam maior taxa de mortalidade por plantas no país. A ocorrência de secas periódicas no semiárido nordestino é o fator determinante para o aumento do consumo de plantas tóxicas por animais de produção. A deficiência de alimento induz os animais a ingerirem outras plantas (TOKARNIA et al., 2000; SILVA et al., 2008).

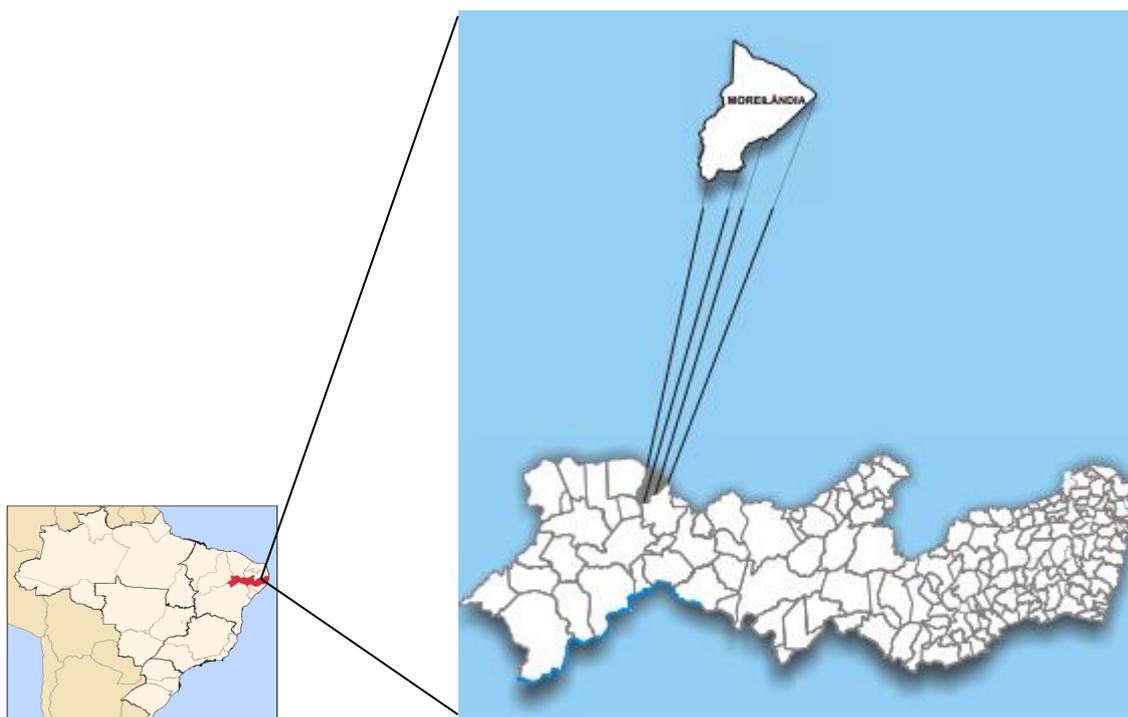
Segundo Pessoa et al. (2013), no Nordeste, nas épocas de estiagem, numerosas intoxicações ocorrem quando os produtores cortam diferentes plantas, incluindo algumas que são tóxicas que normalmente não são ingeridas pelos animais, e as administram através de misturadas de plantas que são passadas em forrageira.

Nesse contexto, no presente trabalho objetivou-se avaliar a percepção dos pecuaristas do Sítio de Cima no Município de Moreilândia, interior de Pernambuco, em relação às plantas tóxicas para ruminantes e equídeos ocorrentes em suas propriedades rurais.

## **Material e Métodos**

O trabalho foi realizado no período de junho a novembro de 2014 na comunidade do Sítio

de Cima no Município de Moreilândia - PE (Figura 1). O Município de Moreilândia está localizado na mesorregião sertão e microrregião Araripina do Estado de Pernambuco, exibindo um clima semiárido próprio da região com temperatura média anual de 24,7°C, pluviosidade baixa e irregular, apresentando período chuvoso de janeiro a maio e precipitação média anual de 700 a 900 mm. A cobertura vegetal é composta por Caatinga Hipoxerófila e Floresta Caducifólia (MASCARENHAS et al., 2005).



**Figura 1:** Mapa do Brasil ampliando o estado do Pernambuco e destacando o Município de Moreilândia.

**Fonte:** Mascarenhas et al. (2005).

A pecuária na região tem caráter extensivo, o que promove maior acesso dos animais às plantas tóxicas (PESSOA et al., 2013). De acordo com o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, no ano de 2012 a produção municipal era de 13.066 bovinos, 8.400 ovinos e 6.450 caprinos (IBGE, 2013).

Para avaliar a percepção dos pecuaristas sobre plantas tóxicas, foram realizadas visitas às propriedades e na oportunidade foram entrevistados 12 produtores por meio de três formulários adaptados de Silva et al. (2006).

No primeiro formulário foi apresentada uma lista de plantas da região nordeste de toxicidade comprovada para ruminantes e equídeos (Tabela 1), baseado nos dados apresentados por Tokarnia et al., 2000; Lima et al., 2004; Medeiros et al., 2004; Nobre et al., 2004; Riet-Correa

et al., 2004; Santos, 2006; Pimentel et al., 2007; Araújo et al., 2008; Oliveira et al., 2008; Salvador et al., 2010; Guaraná et al., 2011. Para não influenciar os pecuaristas não foi divulgada esta informação.

**Tabela 1:** Plantas tóxicas comprovadas para ruminantes e equídeos na região nordeste.

FAMÍLIA	NOME CIENTÍFICO	NOME POPULAR
Apocynaceae	<i>Aspidosperma pyrifolium</i> Mart.	Pereiro
	<i>Marsdenia megalantha</i> Goyder & Morillo	Mata-calado
Combretaceae	<i>Thiloa glaucocarpa</i> (Mart.) Eichler	Sipaúba
Convolvulaceae	<i>Ipomoea asarifolia</i> (Desr.) Roem. & Schult.	Salsa
Euphorbiaceae	<i>Cnidoscolus quercifolius</i> Pohl	Faveleira
	<i>Manihot esculenta</i> Crantz	Mandioca-brava
	<i>M. glaziovii</i> Müll.Arg.	Maniçoba
	<i>Ricinus communis</i> L.	Mamona
Fabaceae	<i>Anadenanthera colubrina</i> var. <i>cebil</i> (Griseb.) Altschul	Angico-preto
Fabaceae	<i>Crotalaria retusa</i> L.	Guizo de cascavel
	<i>Enterolobium contortisiliquum</i> (Vell.) Morong	Tamboril
	<i>Indigofera suffruticosa</i> Mill.	Anil
	<i>Mimosa tenuiflora</i> (Willd.) Poir.	Jurema-preta
	<i>Prosopis juliflora</i> (Sw.) DC.	Algaroba
	<i>Stryphnodendron coriaceum</i> Benth.	Barbatimão
	<i>Tephrosia cinerea</i> (L.) Pers.	Anil-falso
Malpighiaceae	<i>Amorimia rigida</i> (A.Juss.) W.R.Anderson	Tinguí
Solanaceae	<i>Solanum paniculatum</i> L.	Jurubeba

Assim, o entrevistado foi questionado se conhecia a planta, se existia a espécie na região ou em sua propriedade, e se apresentava potencial tóxico. Em caso de dúvidas, as imagens das espécies eram apresentadas ao entrevistado.

No segundo formulário, solicitou-se que fossem citadas outras espécies conhecidas como tóxicas que não foram propostas no formulário 1. Já no terceiro formulário, foi questionado ao produtor dados importantes sobre intoxicações pelas plantas mencionadas como tóxicas.

A pesquisa foi descritiva e os dados coletados nas entrevistas foram sistematizados de maneira quantitativa. As espécies tóxicas foram identificadas através de literatura especializada e os nomes científicos foram confirmados pela Lista de espécies da Flora do Brasil (REFLORA).

## Resultados e Discussão

De acordo com dados obtidos, constatou-se que todos os pecuaristas da comunidade do Sítio de Cima em Morelândia/PE conheciam as seguintes espécies de comprovação tóxica: *Amorimia rigida* (A.Juss.) W.R. Anderson (tinguí), *Anadenanthera colubrina* var. *cebil* (Griseb.) Altschul (angico-preto), *Mimosa tenuiflora* (Willd.) Poir. (jurema-preta), *Prosopis juliflora* (Sw.) DC. (algaroba) e *Ricinus communis* L. (mamona); 91,7% citaram *Manihot glaziovii* Müll.Arg. (maniçoba) e *Solanum paniculatum* L. (jurubeba); 83,3% conheciam *Enterolobium contortisiliquum* (Vell.) Morong (tamboril) e *Manihot esculenta* Crantz (mandioca-brava); 75% afirmaram *Cnidoscolus quercifolius* Pohl (faveleira); 66,7% *Aspidosperma pyriformium* Mart. (pereiro) e *Ipomoea asarifolia* (Desr.) Roem. & Schult. (salsa); 50% *Crotalaria retusa* L. (guizo-de-cascavel) e 25% *Indigofera suffruticosa* Mill. (anil).

Estudos realizados por Santos e Silva (2012) com pecuaristas em Arapiraca - AL também afirmaram serem tóxicas as espécies *A. colubrina* var. *cebil*, *M. tenuiflora*, *P. juliflora*, *R. communis*, *M. esculenta*, *S. paniculatum* e *M. glaziovii*. Enquanto *Marsdenia megalantha* Goyder & Morillo (mata-calado), *Stryphnodendron coriaceum* Benth. (barbatimão), *Tephrosia cinerea* (L.) Pers. (falso-anil) e *Thiloa glaucocarpa* (Mart.) Eichler (sipaúba) não foram reconhecidas pelos pecuarista nesta pesquisa, possivelmente por não serem encontradas com frequência na área do estudo.

Em estudo no Rio Grande do Norte, *T. glaucocarpa* e *S. coriaceum* também não foram reconhecidas como tóxica. No sertão da Paraíba não foi mencionada a intoxicação por *T. glaucocarpa* (SILVA et al., 2006; ASSIS et al., 2009). Ambas as espécies estão entre as plantas tóxicas de maior frequência no Norte Piauiense (MELLO et al., 2010).

Em pesquisa realizada no Cariri Cearense, 16 dos 21 entrevistados afirmaram existir *T. glaucocarpa* na região, e dois afirmaram que ocorreu casos de intoxicação em bovinos (BEZERRA et al., 2012). Mello et al. (2010) mencionaram que no Norte do Piauí *S. coriaceum* parece ser responsável pela maioria das perdas econômicas em bovinos, porém o número de casos vem diminuindo a cada ano devido ao corte da planta pelos produtores. O autor advertiu que a

forma mais adequada de controle é retirar os animais dos locais onde ocorrem as favas no período de escassez de alimentos.

No que diz respeito ao conhecimento da toxicidade das plantas apresentadas, observou-se que *A. rigida*, *R. communis*, *M. glaziovii*, *E. contortisiliquum*, *A. colubrina* var. *cebil* e *M. esculenta* foram as espécies mais referidas como tóxica pelos pecuaristas. As menos citadas foram *P. juliflora*, *I. asarifolia*, *I. suffruticosa* e *C. quercifolius*. Enquanto *A. pyrifolium*, *C. retusa*, *M. tenuiflora* e *S. paniculatum* não foram reconhecidas como tóxicas pelos informantes.

Em estudos realizados na região do Seridó Ocidental e Oriental do Rio Grande do Norte, 60 do total de 82 entrevistados, relataram a ocorrência de abortos ou nascimentos de animal débil que morre após o parto devido à ingestão de *A. pyrifolium* (Pereiro). Nesta região e no sertão paraibano produtores mencionaram que a espécie é responsável por abortos em bovinos, caprinos e ovinos (MEDEIROS et al., 2004; SILVA et al., 2006; ASSIS et al., 2009).

As malformações em ruminantes causadas por *M. tenuiflora* são frequentes na região semiárida (PESSOA et al., 2013). Produtores no Sertão Paraibano mencionaram alta frequência de malformações em ruminantes causadas pela ingestão de planta (ASSIS et al., 2009). Segundo Bezerra et al. (2012), no Cariri Cearense Malformações semelhantes às observadas na intoxicação por *M. tenuiflora* foram relatadas em caprinos, ovinos e / ou bovinos (...) em fazendas onde ocorria a espécie com frequência.

A intoxicação por *S. paniculatum* ocorre quando bovinos permanecem em áreas invadidas pela espécie. Alguns dos sinais clínicos são crises periódicas, epileptiformes, com quedas, extensão dos membros anteriores e posteriores e tremores musculares. (GUARANÁ et al., 2011).

Casos de morte súbita decorrentes de intoxicações por tinguí ocorrem quando animais ingerem folhas da planta e são movimentados. Assim, o animal pode ingeri-la desde que não seja movido (TOKARNIA et al., 2000). Neste trabalho, muitos produtores sabem que mover o animal afetado é fator para acentuar a doença, semelhante ao ocorrido em estudo realizado no Rio Grande do Norte (GERALDO NETO et al., 2013).

*A. rigida* causa intoxicação em caprinos, ovinos e bovinos. Caprinos são mais resistentes do que os bovinos. Caso o animal esteja com indícios de intoxicação pela planta, é importante deixa-lo em repouso por um período mínimo de uma semana (TOKARNIA et al., 2000).

A intoxicação por *R. communis* ocorre quando o animal ingere por acidente as folhas ou as sementes da planta. Nesta intoxicação, são observados distúrbios neuromusculares e gastrintestinais (TOKARNIA et al., 1975). Em pesquisa realizada na mesorregião Central e Oeste do Rio Grande do Norte, a maioria dos entrevistados conheciam a intoxicação pelas folhas, mas

todos desconheciam a toxicidade das sementes (GERALDO NETO et al., 2013).

Produtores do Rio Grande do Norte durante períodos de estiagem administram mamona no cocho, em proporções crescentes até atingir quantidades que fossem ingeridas *ad libitum* entre o fim da tarde e a manhã seguinte. Como eles acreditavam que o fato que originava a intoxicações fosse à ingestão de água após o consumo da planta, os animais eram deixados por esse período sem beber água. Isto sugere que os animais apresentam um mecanismo de adaptação ao princípio tóxico contido nas folhas (SILVA et al., 2006).

No Sertão da Paraíba, produtores presenciaram surtos associados ao consumo de *R. communis* em bovinos (ASSIS et al., 2009). Todos os entrevistados do presente trabalho citaram os bovinos como espécie afetada e para alguns, as intoxicações ocorrem pela ingestão de folhas murchas.

A maniçoba está entre as plantas tóxicas de maior frequência no Norte piauiense. Em um surto foram observados em animais intoxicados anorexia, tremores musculares, incoordenação motora e insuficiência respiratória (MELLO et al., 2010).

A intoxicação por *E. contortisiliquum* ocorre no final da seca, quando as favas estão disponíveis no solo e o pasto está seco (SCHONS et al., 2012). Muitos produtores por terem conhecimento da toxicidade da espécie, realizam o corte radical ou a introdução de cercas ao redor das árvores para evitar o consumo das favas pelos bovinos (SANT'ANA et al., 2014).

Surtos de intoxicação por tamboril ocorreram em bovinos no sudoeste de Goiás em época de seca. Os animais ingeriram grande quantidade de favas, pois a foragem estava escassa. O principal sinal clínico observado foi aborto, mas também ocorreu fotossensibilização e morte (SANT'ANA et al., 2014). Produtores no sertão da Paraíba observaram em animais intoxicados, abortos e sinais digestivos (ASSIS et al., 2009). Nesta pesquisa, vários entrevistados mencionaram o aborto como sinal clínico da doença.

No presente estudo, 75% dos pecuaristas reconheceram a toxicidade de *A. colubrina* var. *cebil*, mas poucos sabem as condições que levam a ocorrência das intoxicações.

A ingestão do angico ocorre de forma acidental, geralmente depois de chuvas com ventos fortes quando os galhos da árvore se quebram e os animais têm acesso a grande quantidade das folhas (MELLO et al., 2010). No sertão paraibano, foram relatados surtos em bovinos que ingeriram folhas derrubadas (ASSIS et al., 2009).

No Rio Grande do Norte, produtores por conhecer as condições que levam a intoxicação por *A. colubrina*, retiram os animais do cercado quando vão cortar as árvores, ou queimam as folhas e galhos cortados (SILVA et al., 2006). No Município de Arapiraca - AL, 85% dos

pecuaristas conheciam o angico e nenhum tinha conhecimento de que a mesma fosse tóxica (SANTOS; SILVA, 2012).

Ocorreram casos de intoxicação por *M. esculeta* em bovinos e ovinos no Sudoeste de Goiás. Na espécie bovina ocorreu a morte minutos após comerem cascas frescas de mandioca recém-colhida, sendo observado anteriormente diarreia, incoordenação, ataxia, timpanismo, cianose de mucosas, dispneia, sialorreia e decúbito lateral. Já os ovinos morreram após ingerirem cascas de mandioca e folhas da planta, verificando timpanismo e morte com curso clínico superagudo (SANT'ANA et al., 2014).

Em um surto por *M. esculeta* na região Central do Estado de Rondônia, três bovinos foram intoxicados quando beberam a água utilizada para lavar as raízes quebradas de planta durante a fabricação de farinha. Essa forma de intoxicação não é frequente, pois a maioria dos produtores sabe que o tubérculo é tóxico se ingerido *in natura* (SCHONS et al., 2012).

Nesta pesquisa observou-se que os entrevistados mencionaram os bovinos como a espécie mais susceptível as intoxicações por plantas. Isto se deva, possivelmente, ao fato do rebanho da região ser formada principalmente de bovinos. Muitos reconhecem a toxicidade das espécies, mas não sabem as condições em que ocorre a intoxicação, nem os sinais clínicos. Alguns sugerem que as plantas só apresentam toxidez quando estão murchas.

No Nordeste existe a crença de que muitas plantas são mais tóxicas quando murchas. Isso ocorre porque quando a planta ao ser cortada murcha, o produtor ver o animal ingeri-las e conclui que o fato da intoxicação é a planta nesta condição. Na verdade, a razão que leva a intoxicação são as altas quantidades da planta ingerida pelo animal em pouco tempo (MELLO et al., 2010; PESSOA et al., 2013).

Todos os entrevistados relataram a ocorrência de tinguí, angico preto, jurema preta, algaroba e mamona na região; 91,7% citaram a existência de maniçoba e jurubeba; 83,3% tamboril; 75% faveleira e mandioca brava; 66,7% pereiro e salsa; 50% guizo de cascavel e 25% anil.

Quanto à existência das plantas nas propriedades, 91,7% dos pecuaristas responderam algaroba; 83,3% angico preta; 75% jurema preta; 58,3% salsa, maniçoba e jurubeba; 50% tinguí, pereiro, tamboril; 41,7% faveleira; 33,3% mandioca brava e mamona; 16,7% anil e 8,3% guizo de cascavel. Alguns dos informantes afirmaram que Guizo de cascavel só é vista em época de inverno.

Neste estudo foi citado outras espécies como tóxicas como: *Dieffenbachia picta* Schott (comigo-ninguém-pode), *Ipomoea carnea* Jacq.(mata-cabra, algodão-bravo), *Ziziphus joazeiro*

Mart. (juazeiro), *Caesalpinia bracteosa* Tul. (catingueira), *Phaseolus vulgaris* L. (feijão) e *Croton* sp. (Crote). Destas, apenas *D. picta* e *I. carnea* têm sua toxicidade comprovada. *C. bracteosa* e *Croton* sp. já foram testadas com resultados negativos (TOKARNIA et al., 2000).

*D. picta* foi citada também por pecuaristas de Arapiraca-AL (SANTOS; SILVA, 2012). Um produtor no Rio Grande do Norte descreveu um surto de intoxicação em bovinos e caprinos por *D. picta*. A planta tinha sido cortada e estava ao alcance do rebanho. Salivação e edema da língua são sinais clínicos característicos da intoxicação (SILVA et al., 2006).

A intoxicação por *I. carnea* ocorre frequentemente em caprinos na região Nordeste, principalmente no Rio São Francisco e no Sul do Piauí. A planta causa sinais nervosos (TOKARNIA et al., 2000). No Rio Grande do Norte, há relatos de intoxicação em caprinos e bovinos (SILVA et al., 2006; GERALDO NETO et al., 2013).

No estado da Paraíba, produtores relataram surtos de intoxicação por *Z. joazeiro* em ovinos e bovinos. Os ovinos teriam apresentado diarreia e perda de peso e os bovinos abortaram após ingerir a rama do juazeiro (ASSIS et al., 2009).

Em pesquisa realizada no Cariri Cearense, foi mencionado que o juazeiro é responsável por morte de caprinos. A intoxicação teria ocorrido após os animais terem ingerido grande quantidade do fruto. Os sinais clínicos observados na doença foram mucosa pálida e sangue claro. Em experimento, realizado na região, com frutos de juazeiro administrados *ad libitum* a caprinos, não se constatou nenhum sinal clínico, demonstrando que os frutos não são tóxicos (BEZERRA et al., 2012).

## Conclusão

Os pecuaristas da comunidade do Sítio de Cima em Morelândia conhecem a maioria das espécies de comprovação tóxica para ruminantes e equídeos.

Alguns dos entrevistados, embora reconheça a planta como tóxica, não conhece as condições que propiciam as intoxicações, nem informações fundamentais para se chegar ao diagnóstico.

Algumas espécies mesmo existindo nas propriedades, não tiveram sua toxicidade reconhecida, como o pereiro e a jurema preta.

É fundamental que pecuaristas conheçam as plantas tóxicas da região, a epidemiologia das intoxicações e os problemas que elas ocasionam para prevenir futuras intoxicações em seu

rebanho.

As condições da região são favoráveis para que ocorram surtos de intoxicação por plantas, uma vez que, se localiza em área propícia com longos períodos de estiagem. Assim como, os animais vivem em sistema de criação extensivo, o que dar amplo acesso às espécies tóxicas.

Assim sendo, é indispensável à divulgação de informações sobre o assunto para que os produtores ampliem seus conhecimentos e com isso, adotem medidas de controle e prevenção de intoxicação em sua propriedade, prezando pelo bem-estar animal.

## Referências

ARAÚJO, J. A. S.; RIET-CORREA, F.; MEDEIROS, R. M. T.; SOARES, M. P.; OLIVEIRA, D. M.; CARVALHO, F. K. L. Intoxicação experimental por *Ipomoea asarifolia* (Convolvulaceae) em caprinos e ovinos. **Pesquisa Veterinária Brasileira**, v.28, n.10, p.488-494. 2008.

ASSIS, T. S.; MEDEIROS, R. M. T.; ARAÚJO, J. A. S. De; DANTAS, A. F. M.; RIET-CORREA, F. Intoxicações por plantas em ruminantes e equídeos no Sertão Paraibano. **Pesquisa Veterinária Brasileira**, v.29, n.11, p.919-924. 2009.

BEZERRA, C. W. C.; MEDEIROS, R. M. T.; RIVERO, B. R.; DANTAS, A. F. M.; AMARAL, F. R. Plantas tóxicas para ruminantes e equídeos da microrregião do Cariri Cearense. **Ciência Rural**, v.42, n.6, p.1070-1076. 2012.

CARVALHO, G. D.; ARRUDA, V. M.; (Org.). **Principais Plantas Tóxicas Causadoras de Morte Súbita em Bovinos**: 1.ed. Minas Gerais: 2011. 27 p.

GERALDO NETO, S. A.; SAKAMOTO, S. M.; SOTO-BLANCO, B. Inquérito epidemiológico sobre plantas tóxicas das mesorregiões Central e Oeste do Rio Grande do Norte. **Ciência Rural**, v. 43, n. 7, p. 1281-1287. 2013.

GUARANÁ, E. L. S.; RIET-CORREA, F.; MENDONÇA, C. L.; MEDEIROS, R. M. T.; COSTA, N. A.; AFONSO, J. A. B. Intoxicação por *Solanum paniculatum* (Solanaceae) em bovinos. **Pesquisa Veterinária Brasileira**, v.31, n.1, p.59-64. 2011.

IBGE, **Cidades@**. Rio de Janeiro, 2013. Disponível em: <<http://cod.ibge.gov.br/KNJQ>> Acesso em: 25 jun. 2014

LIMA, E. F.; RIET-CORREA, F.; AMORIM, S. L.; SUCUPIRA, J. R. G. Intoxicação por favas de *Prosopis juliflora* (algaroba) em caprinos no Nordeste do Brasil. **Pesquisa Veterinária Brasileira**, v. 24, (Supl.), p. 36-37. 2004.

**Lista de Espécies da Flora do Brasil**. Jardim Botânico do Rio de Janeiro. Disponível em: <<http://floradobrasil.jbrj.gov.br/>>. Acesso em: 29 Jan. 2015.

MASCARENHAS, J. De C.; BELTRÃO, B. A.; SOUZA JUNIOR, L. C. De; GALVÃO, M. J. T.

G.; PEREIRA, S. N.; MIRANDA, J. L. F. De; (Org.). **Projeto cadastro de fontes de abastecimento por água subterrânea**. Diagnóstico do município de Moreilândia, Estado de Pernambuco. Recife: CPRM/PRODEEM, 2005.11 p.

MEDEIROS, R. M. T.; NETO, S. A. G.; RIET-CORREA, F.; SHILD, A. L.; SOUSA, N. L. Mortalidade embrionária e abortos em caprinos causados por *Aspidosperma pyriforme*. **Pesquisa Veterinária Brasileira**, v.24, (Supl.), p.42-43. 2004.

MELLO, G. W. S.; OLIVEIRA, D. M.; CARVALHO, C. J. S.; PIRES, L. V.; COSTA, F. A. L.; RIET-CORREA, F.; SILVA, S. M. M. Plantas tóxicas para ruminantes e equídeos no Norte Piauiense. **Pesquisa Veterinária Brasileira**, v.30, n.1, p. 1-9. 2010.

NOBRE, V. M. T.; RIET-CORREA, F.; BARBOSA FILHO, J. M.; DANTAS, A. F. M.; TABOSA, I. M.; VASCONCELOS, J. S. Intoxicação por *Crotalaria retusa* (Fabaceae) em equinos no semiárido da Paraíba. **Pesquisa Veterinária Brasileira**, v.24, n.3, p.132-143. 2004.

OLIVEIRA, D. M.; PIMENTEL, L. A.; ARAÚJO, J. A. S.; MEDEIROS, R. M. T.; DANTAS, A. F. M.; RIET-CORREA, F. Intoxicação por *Cnidocolus phyllacanthus* (Euphorbiaceae) em caprinos. **Pesquisa Veterinária Brasileira**, v. 28, n. 1, p. 36-42. 2008.

PESSOA, C. R. M.; MEDEIROS, R. M. T.; RIET-CORREA, F. Importância econômica, epidemiologia e controle das intoxicações por plantas no Brasil. **Pesquisa Veterinária Brasileira**, v.33, n.6, p.752-758. 2013.

PIMENTEL, L. A.; RIET-CORREA, F.; GARDNER, D.; PANTER, K. E.; DANTAS, A. F. M.; MEDEIROS, R. M. T.; MOTA, R. A.; ARAÚJO, J. A. S. *Mimosa tenuiflora* as a cause of malformations in ruminants in the northeastern Brazilian semiarid rangelands. **Veterinary pathology**, v.44, p.928–931. 2007.

RIET-CORREA, F.; BEZERRA, C. W. C.; MEDEIROS, R. M. T. **Plantas tóxicas do nordeste**. Patos, PB: Sociedade Vicente Pallotti Editora, 2011. 71 p.

RIET-CORREA, F.; MEDEIROS, R. M. T. Intoxicações por plantas em ruminantes no Brasil e no Uruguai: importância econômica, controle e riscos para a saúde pública. **Pesquisa Veterinária Brasileira**, v.21, n.1, p.38-42. 2001.

RIET-CORREA, F.; SILVA, D. M.; OLIVEIRA, O. F.; SIMÕES, S. V. D.; MEDEIROS, R. M. T.; NÓBREGA, R. S. Intoxicação por *Marsdenia* spp (mata-calado) em ruminantes. **Pesquisa Veterinária Brasileira**, v.22, (Supl.), p.50-51. 2004.

SALVADOR, I. S.; MEDEIROS, R. M. T.; PESSOA, C. R. M.; DANTAS, A. F. M.; SUCUPIRA JÚNIOR, G.; RIET-CORREA, F. Intoxicação por *Indigofera suffruticosa* (leg. papilionoideae) em bovinos. **Pesquisa Veterinária Brasileira**, v.30, n.11, p.953-957. 2010.

SANT'ANA, F. J. F. De; REIS JUNIOR, J. L.; FREITAS NETO, A. P.; MOREIRA JUNIOR, C. A.; VULCANI, V. A. S.; RABELO, R. E.; TERRA, J. P. Plantas tóxicas para ruminantes do sudoeste de Goiás. **Ciência Rural**, v.44, n.5, p.865-871. 2014.

SANTOS, J. C. A. **Intoxicação em ovinos por *Tephrosia cinerea***. 2006. Tese de Mestrado -

Universidade Federal de Campina Grande, Curso de Medicina Veterinária de Pequenos Ruminantes, Paraíba. (Dados ainda não publicados)

SANTOS, J. E. S. & SILVA, H. C. H. Da. A percepção de pecuaristas sobre plantas tóxicas no município de Arapiraca, Alagoas. **BIOFAR** (Revista de Biologia e Farmácia), v. especial, p.17-22. 2012.

SCHONS, S. V.; LOPES, T. V.; MELO, T. L. De; LIMA, J. P.; RIET-CORREA, F.; BARROS, M. A. De B.; SCHILD, A. L. P. Intoxicação por plantas em ruminantes e equídeos na região central de Rondônia. **Ciência Rural**, v.42, n.7, p. 1257-1263. 2012.

SILVA, D. M. Da; RIET-CORREA, F.; MEDEIROS, R. M. T.; OLIVEIRA, O. F. De. Plantas tóxicas para ruminantes e equídeos no Seridó Ocidental e Oriental do Rio Grande do Norte. **Pesquisa Veterinária Brasileira**, v.26, n.4, p.223-236. 2006.

SILVA, I. P. Da; LIRA, R. A.; BARBOSA, R. R.; BATISTA, J. S.; SOTO-BLANCO, B. Intoxicação natural pelas folhas de *Mascagnia rigida* (Malpighiaceae) em ovino. **Arquivo Instituto Biológico**, v.75, n.2, p.229-233. 2008.

TOKARNIA, C. H.; DOBEREINER, J.; CANELLA, C. F. C. Intoxicação experimental em bovinos pelas folhas de *Ricinus communis*. **Pesquisa Agropecuária Brasileira**, v.10, p.1-7. 1975.

TOKARNIA, C. H.; DOBEREINER, J.; PEIXOTO, P. V. **Plantas tóxicas do Brasil**. Rio de Janeiro: Helianthus, 2000. 310 p.